

*Do Sr. J. G. de Souza Ferreira*  
*O Autor*

12

# COMMUNISMO

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

**ATALIBA L. DE GOMENSORO**

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO RIO DE JANEIRO

NO THEATRO GYMNASIO,

PELA

SOCIEDADE DRAMATICA NACIONAL,

NO DIA 16 DE JUNHO DE 1864.

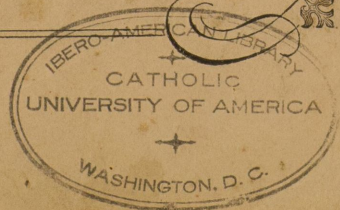


## RIO DE JANEIRO

TYP. DO COMMERCIO — DE PEREIRA BRAGA

17 — TRAVESSA DO OUVIDOR — 17

1864.



CA

1887

DEPARTAMENTO DE COMERCIO  
SECRETARIA DE COMERCIO Y INDUSTRIA

COMERCIO EXTERNO

DEPARTAMENTO DE COMERCIO  
SECRETARIA DE COMERCIO Y INDUSTRIA

COMERCIO EXTERNO

COMERCIO EXTERNO

# COMMUNISMO

COMEDIA EM 1 ACTO

POR

**ATALIBA L. DE GOMENSORO**

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO RIO DE JANEIRO

NO THEATRO GYMNASIO,

PELA

SOCIEDADE DRAMATICA NACIONAL,

NO DIA 16 DE JUNHO DE 1864.

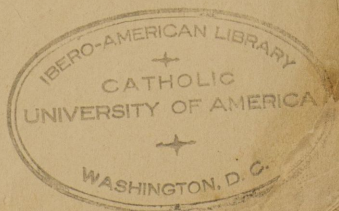


**RIO DE JANEIRO**

TYP. DO COMMERCIO — DE PEREIRA BRAGA

17—TRAVESSA DO OUVIDOR—17

—  
**1864**



PQ

9697

.6653

1864

6393.

AO EUGENIO

Lembrança de irmão.



## PERSONAGENS.

Nogueira, estudante de medicina. . . . .	Sr. Vasques.
Pereira, idem. . . . .	» Paiva.
Lopes, idem. . . . .	» Torquato.
Cunha, idem porém pelludo . . . . .	» Guilherme.
Canuto, fazendeiro myope . . . . .	» Graça.
Caixeiro, representante de um credor. . . . .	» Jordani.
Mariquinhas, viuva inconsolavel . . . . .	D. Clelia.
Emilia, costureira sensivel. . . . .	D. Julia.

---

A acção passa-se no Rio de Janeiro em casa dos estudantes.

Anno 186...

---

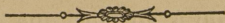
Esta comedia não póde ser representada sem consentimento do autor.





# COMMUNISMO

COMEDIA EM 1 ACTO.



## ACTO UNICO.

O theatro representa uma salla, da qual uma mesa carregada de livros, duas cadeiras e um cabide, constituem a mobilia. No fundo uma porta e uma janella que dão para o exterior. Á direita duas portas que communicão com o interior.

Ao levantar do panno Nogueira, deitado de bruços nas duas cadeiras, lê; Cunha passeia pela salla com um livro aberto.

### SCENA I.

NOGUEIRA E CUNHA.

NOGUEIRA (*lendo.*)

« Vinte e quatro horas tinhão decorrido depois dos acontecimentos que acabámos de referir aos nossos leitores. Marco Henrique, estendido negligentemente em duas cadeiras, em um dos angulos do Café das Mil Columnas, percorria distrahidamente um jornal....

CUNHA.

E dizia com os seus botões: Não me cauterises a paciencia.

NOGUEIRA.

« . . . . esperando o alferes, com quem todas as manhãs jogava o dominó.

CUNHA.

Justamente o jogo mais estúpido que se tem inventado.

NOGUEIRA.

Não respondo á apartes, que de modo algum podem elucidar as questões.

Continuemos pois. (*Lendo*). « Nesse momento entrou no botequim Philidor, e veio sentar-se ao lado do estudante. . . .

CUNHA.

E disse-lhe baixinho: O Nogueira é o animal mais aborrecido, que ha no Rio de Janeiro.

NOGUEIRA.

(*Continuando a lêr.*) « O exterior do comico não era como de ordinario, alegre e excentrico. Sua entrada foi modesta e. . . .

CUNHA.

E esta!! (*gritando*) Tem a bondade de lêr baixo, que eu tambem estou lendo.

NOGUEIRA.

Fallas comigo?

CUNHA.

Não, fallo com as paredes. Estás ha mais de meia hora lendo alto esse insulso romance, e, não queres que me zangue.

NOGUEIRA.

Ah! estás zangado?

CUNHA.

E tu estás disposto a debicar-me? Pois, meu caro, bates em má porta.

NOGUEIRA.

O que lês com tanta attenção, futuro Dupuy-tren de sertão?

CUNHA.

O almanack da civilidade, futuro barbeiro de aldeia.

NOGUEIRA.

Julguei que, quando criança, teus pais te tivessem feito decorar esse precioso livro; vejo com pezar que não tens boa memoria, e tal é a razão, porque nunca pões em pratica as regras do tal almanack.

CUNHA.

Está bem, faz o favor de deixar-me em paz.

NOGUEIRA.

Confessas a derrota; dou-te quartel . . . O' Cunha, tu ainda entretens aquelle estúpido namôro com a filha do sacristão?

CUNHA.

Temo-la travada.

NOGUEIRA.

Maganão, tu pertences á grande confraria dos *Aproveita* . . . Gostas da filha do sacrista, porque no domingo de Ramos tens a tua palma de graça; nos dias de festa dois registos gratis, e de vez em quando uns bicos de cêra, os quaes vendes á velha costureira da esquina.

CUNHA.

(Zangado). Sr. Nogueira!

NOGUEIRA.

O que me queres, Cunha?

CUNHA.

O senhor deixa-me, ou não, estudar a sabatina?

NOGUEIRA.

Não deixo.

CUNHA.

Então vou para Academia estudar.

NOGUEIRA.

Deixa-me ahí alguns cigarros; o meu fornecimento esgotou-se.

CUNHA.

*(Sahindo.)* Bem mostra que é um....

NOGUEIRA.

*(Erguendo-se.)* Amigo dedicado com o qual podes contar para tudo, excepto para dinheiro . . . Pobre idiota! mata-se sobre os livros. Por mais que eu lhe diga, que limite-se a guardar as apparencias, o bruto não toma caminho.

CUNHA.

*(Exasperado.)* Onde estão minhas botinas?

NOGUEIRA.

O que é?

CUNHA.

Ensurdeceste tambem? Quero saber o que é feito das minhas botinas?

NOGUEIRA.

Sou por ventura teu criado de quarto? . . .  
Ora, boa noite!

CUNHA.

Então não dizes nada?

NOGUEIRA.

Pois nada, rapaz; quando não afogas-te nesse  
mar de raiva, em que pareces engolphado . . .  
Achaste as botinas?

CUNHA.

Já te disse, que não.

NOGUEIRA.

Então o Pereira calçou-as . . . O que queres,  
as suas rebentarão-se hontem em vinte lugares.

CUNHA.

Então sou o fornecedor do Sr. Pereira?

NOGUEIRA.

Não posso entrar nessas minucias; espera  
que elle chegue, para lhe fazeres essa pergunta.

CUNHA.

E a sabbatina?

NOGUEIRA.

Não vai lá, e desculpa-te amanhã.

CUNHA.

E os pontos?

NOGUEIRA.

Se tiveres trinta e um de mão ganhas a partida.

CUNHA.

Jogador! Só pensa nas cartas . . . Como hei-de ir á Academia? Isto só pelo diabo!

NOGUEIRA.

Não pronuncies esse nome, quando não o dono delle apparece-te á noite.

CUNHA.

Vou mesmo de chinelos.

NOGUEIRA.

Quero ver essa ousadia.

CUNHA.

(*Dirigindo-se para a porta.*) Eu te mostro (*sahe*).

## SCENA II.

NOGUEIRA só.

Muito póde o amor da sciencia! . . . Porém, tu não partirás impune. (*Chegando à janella e gritando*) O' senhor! onde comprou esses sapatos rasos? Olhe que os ratos roerão-lhe os canos e os tacões dos botins. (*Deixando a janella*) Nunca vi ruminante de sciencia mais possessò que este Cunha. Passa horas esquecidas sobre os livros, e quando os deixa, seu cerebro conserva ainda a corôa de virgindade, que ornava-o antes. Auguro-lhe desde já uma fama immensa, quando se cobrir com o pergaminho de Doutor.

SCENA III.

NOGUEIRA E o CAIXEIRO.

CAIXEIRO.

Com licença.

NOGUEIRA.

Entre.

CAIXEIRO.

Bom dia.

NOGUEIRA.

Boa noite.

CAIXEIRO.

Desculpe-me se vim interrompe-lo.

NOGUEIRA.

Está desculpado.

CAIXEIRO.

Desejava saber se não móra aqui, o Sr. Antonio Marcos Nogueira?

NOGUEIRA.

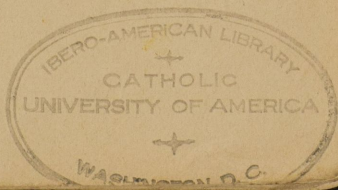
E' para presentea-lo, que o senhor procura-o?

CAIXEIRO.

E' simplesmente para satisfazer uma conta.

NOGUEIRA.

E o senhor diz, simplesmente. Bem mostra que é um homem superior. Então dizia, que vinha ver se o Nogueira pagava-lhe uma conta, não ?



CAIXEIRO.

Sim, senhor. Meu amo está furioso com esse moço, que ha dois annos deve-lhe quatrocentos mil réis, dos quaes ainda não vio vintem.

NOGUEIRA.

Seu amo não passa de uma intelligencia muito mesquinha, e, de um homem muito inferior.

CAIXEIRO.

Isso é lá com elle; quanto a mim, desejo saber se móra aqui o Sr. Nogueira?

NOGUEIRA.

*(Tristemente.)* Morou, meu caro amigo.

CAIXEIRO.

Sabe dizer-me para onde mudou-se?

NOGUEIRA.

*(Idem.)* Não sei ao certo, inclino-me a crêr, que para o Paraiso.

CAIXEIRO.

No Campo de Sant'Anna, não?

NOGUEIRA.

*(Idem.)* Referia-me infelizmente ao Paraiso do outro mundo; ao qual os Escandinavos chamavão Wahala.

CAIXEIRO.

Morreu?!

NOGUEIRA.

Deixou o mundo, indigno de te-lo em seu seio.

CAIXEIRO.

Coitado! . . .



NOGUEIRA.

(*Choroso.*) Era uma alma nobre . . . um coração de Cherubim . . . uma intelligencia sobrenatural . . . um mancebo, que vivia deslocado neste valle de amargores. . . A patria ; o meu bello Brasil, perdeu em Nogueira um futuro Dante ; um Bayard, talvez.

CAIXEIRO.

E' triste !

NOGUEIRA.

Uma noite ; fazem justamente hoje oito dias ; o virtuoso mancebo entrou cabisbaixo e foi sentar-se junto daquelle janella. A lua percorria magestosa o bello azul dos céos, e já ia mais de meio caminho ; tudo era silencio : os homens dormião. Naquelle mesa eu folhejava a Atala de Chateaubriand, e de vez em quando interrompia a minha leitura afim de olhar para Nogueira, que guardava sempre a mesma posição.

CAIXEIRO.

Estava morto.

NOGUEIRA.

Espere, meu amigo . . . O relógio de uma torre proxima acabava de dar tres quartos depois das onze horas, quando Nogueira chamou-me ; cheguei-me á elle. — És meu amigo, Lopes ? perguntou-me sorrindo tristemente. — Sou teu irmão, respondi eu. — Vês, continuou meu companheiro apontando para uma estrella, aquelle astrosinho que ao longe scintila ? E' a minha vida. Alem não vês aquella nuvem negra ? E' a morte. Ella aproxima-se rapidamente ; a

estrella não pôde fugi-la. Aperta-me a mão, continuou Nogueira melancolico; has-de prometter que só me deixarás d'aqui a um quarto de hora . . .

CAIXEIRO.

Infeliz!

NOGUEIRA.

Vê, vê, vê como a nuvem se apressa, articulou elle . . . E' muito triste morrer moço . . . . . A nuvem acabava de encobrir a estrella e a mão de Nogueira estremeceu na minha. Olhei para elle; estava morto. Beijei muitas vezes esses labios, que tantas vezes me sorrira, e cahi desfallecido. Quando recobrei os sentidos, o cadaver do meu amigo habitava a cidade dos mortos; a alma, os céos.

CAIXEIRO.

(*Chorando.*) Se tivesse noticia desse triste acontecimento, não teria vindo avivar a dôr que ainda o atormenta.

NOGUEIRA.

A divida de Antonio Marcos Nogueira será paga, ainda que para isso eu tenha de trabalhar a vida inteira. Vá, meu amigo, e diga a todos, que vio um homem chorar como uma mulher.

CAIXEIRO.

Console-se, Snr. Lopes, o seu collega foi para o céu.

NOGUEIRA.

(*Acompanhando-o até a porta e chorando.*) Assim . . . espero . . .

(*O caixeiro sahe.*)

## SCENA IV.

NOGUEIRA E DEPOIS PEREIRA.

NOGUEIRA.

Que meio energico para afugentar um credor sensivel! Viva a alegria! Felizmente este meu lagrima facil não reconheceu em mim o Nogueira, por quem chorou. O', ingenho de devedor, quanto és inexgotavel!!

PEREIRA (*entra rindo ás gargalhadas*).

Ainda não posso crer no que vi.

NOGUEIRA.

O que aconteceu?

PEREIRA.

Aonde está o Cunha?

NOGUEIRA.

Sahio; disse, que ia para a Academia.

PEREIRA.

Então era elle mesmo.

NOGUEIRA.

Explica-te de uma vez.

PEREIRA.

Vinha eu pela rua da Misericordia a complimentar amavelmente as moças que estavam á janella, quando julguei avistar ao longe o Cunha. Entrei depressa em um corredor, para evitar que elle perguntasse-me pelas botinas com as quaes sahi, visto o estado lastimoso das minhas; e,

d'ahi a pouco passou elle coxeando.—Que diabo aconteceria a esse idiota? disse comigo mesmo. Cheguei á porta, e adivinhei tudo. O coiza, como não encontrasse as botinas, sahio de chinellos, e coxeava, para fazer crer que padecia dos pés.

NOGUEIRA.

Eu aqui estava quando elle sahio.

PEREIRA.

Segui-o, e quando cheguei ao primeiro becco escondi-me, e gritei: « Olha um cachorro damnado!... » Quando espiei para ver o effeito das minhas palavras, vi o pobre Cunha correndo como um gamo.

NOGUEIRA.

Em cima de queda, coice.

PEREIRA.

Pois o que quer dizer sahir um academico de chinellos?! Não achas que é chamar o ridiculo sobre a classe?

NOGUEIRA.

Tu e elle são dous idiotas.

PEREIRA.

Obrigado. Dá-me um cigarro.

NOGUEIRA.

Não tenho.

PEREIRA.

De quem é esta ponta?

NOGUEIRA.

Deixa-a em paz; é minha.

PEREIRA.

Então é nossa. (*Acende um phosphoro e fuma.*)  
Ah! esquecia-me dizer-te, que chegou um tio meu.

NOGUEIRA.

D'onde?

PEREIRA.

Da fazenda.

NOGUEIRA.

E' alguma mina de facil exploração?

PEREIRA.

Não passa de um excellente homem; um pouco parvo; muito casca e muitissimo bruto.

NOGUEIRA.

Encarrego-me de lapida-lo. Bem sabes que sou grande nesse genero de trabalho. Vou comear a obra. (*Chega-se á mesa e escreve.*)

PEREIRA.

Que fazes? Alguma poesia para lhe offereceres?

NOGUEIRA.

Não desço tanto! Elaboro apenas uma subscrição para a liberdade de uma infeliz escrava. Ouve: ( *lendo*) Dr. Cesar Eustaquio de Lima.... cem mil réis.... Conselheiro Bento Baptista de Carvalho.... cem mil réis.... Um anonymo.... cem mil réis.... Teu tio assignará em quarto lugar.... Sabes que morri?

PEREIRA.

Sim!!....

NOGUEIRA.

Antes de entrares, appareceu um caixeiro com uma conta, e, felizmente como não me conhecia; disse-lhe que o Nogueira tinha deixado o mundo, indigno de tê-lo em seu seio.

PEREIRA.

E' um meio novo; dou-te os parabens.

NOGUEIRA.

Fiz o jaqueta chorar: caso raro e nunca visto nos annaes da cobrança; não achas?

PEREIRA.

Indubitavelmente.

## SCENA V.

OS MESMOS E LOPES.

LOPES.

Chapéos fóra! Todos de pé!

PEREIRA.

O que ha de novo?

LOPES (*desenrolando um papel*).

Tenho o prazer de mostrar-lhes o retrato do maior homem que tem apparecido.

NOGUEIRA.

De quem é esta caricatura?

LOPES.

Insensato ! tu tens á vista o retrato do immortal Platão.

PEREIRA.

Como está parecido !

NOGUEIRA.

E' o proprio !.... Quem foi o progenitor de tão soberba cópia ?

LOPES.

Quem teve essa honra foi a filha de D. Margarida.

PEREIRA.

Aquella morenazinha torta ?

LOPES.

Em pessoa.... Resta-me préga-lo no lugar de honra. (*Préga-o na parede.*) Quem de vocês tem credito em casa de uma florista ?

NOGUEIRA.

Eu ! é classe a social que mais me comprehende ; disponho de meia duzia dellas como de minha pessoa.

LOPES.

Partamos a ter com uma dessas dignas donzellas. E' preciso uma corôa de louros, para ser collocada por cima do retrato daquelle grande homem.

NOGUEIRA.

Espera ; deixa-me vestir. (*Para Pereira.*) O' tu ! dá-me a gravata, que a minha está indecente.

PEREIRA.

O que queres mais?

NOGUEIRA.

Empresta-me o relógio do Cunha. Compreendes que devo apresentar-me decentemente em casa das minhas vassallas. Tens algum chronico par de luvas?

PEREIRA.

Não; perdi-o hontem.

NOGUEIRA.

O' fatalidade! justamente quando delle carecia.

LOPES.

Aqui tens uma; eu levo a outra.

NOGUEIRA.

Partamos.... Não te esqueças de dizer a quem procurar-me, refiro-me ao genero credor, que ha oito dias morri. (*Sahem de braço.*)

## SCENA VI.

PEREIRA, E DEPOIS MARIQUINHAS E EMILIA.

PEREIRA.

Eis como passamos a vida. Sempre alegres, descuidados do dia de amanhã, e continuamente á procura do prazer. Oxalá que a vida corresse-nos depois de formados como agora. Estuda-se pouco; nunca se chora; ri-se muito e dorme-se ainda mais.... (*Bocejando.*) Por fallar em



dormir, parece-me que não passei bem a noite.  
(*Senta-se em uma cadeira no meio da scena ;  
encosta a cabeça, dando as costas para quem  
entra.*)

MARIQUINHAS E EMILIA.

E' elle !

EMILIA.

Não sahirás vivo das minhas mãos.

MARIQUINHAS.

Mostrar-te-hei o que succede aos que me il-  
ludem.

PEREIRA (*erguendo-se*).

O que é isto, senhoras ?

EMILIA.

Enganei-me.

MARIQUINHAS.

Não é elle.

PEREIRA.

Fação o favor de explicarem o comportamento  
um pouco brusco, que acabão de ter para comigo.

EMILIA.

Desculpe-me ; julguei que o senhor fosse o  
ingrato do Arthur. (*Chora.*)

MARIQUINHAS.

Suppuz que matava o tyranno que illudio-me.  
(*Chora.*)

PEREIRA.

Para que chorão, minhas senhoras ? Tenhão  
a bondade de sentarem-se, e contarem-me o que

as faz soffrer. Apezar de estudante, não posso ver uma moça chorar sem que immediatamente meu coração se confranja, e abrão-se por sympathy os meus saccoes lacrymaes.

EMILIA.

Vou contar-lhe tudo.

MARIQUINHAS.

Vou dizer-lhe o que....

PEREIRA.

Se ambas fallarem ao mesmo tempo, não poderei dar-lhes attenção ; assim, sentem-se, e eu vou tirar á sorte quem fallará primeiro. (*Emilia e Mariquinhas sentão-se, e Pereira arrasta a mesa para o centro.*) Como se chama V. Ex. ?

EMILIA.

Emilia da Encarnação Garcia. (*Pereira escreve.*)

PEREIRA.

E V. Ex. ?

MARIQUINHAS.

Maria Rosa do Espirito Santo.

PEREIRA (*colloca os papeis em um chapéo e senta-se na mesa*).

Desculpem, minhas senhoras, se me sento nesta mesa ; os moveis aqui são raros, e além disso na minha qualidade de juiz devo sentar-me bem alto. D. Emilia, como está á minha direita vai tirar o primeiro nome. (*Lendo*) D. Maria Rosa do Espirito Santo fará o favor de começar.

MARIQUINHAS.

Desejava sómente que se achasse aqui presente aquelle homem sem coração, para confundilo. Introduzio-se em minha casa ; fez com que eu o amasse e arrostrasse por sua causa a opinião publica. Todas as noites ia tomar chá comigo, e não cessava de elogiar as qualidades do meu defunto marido.

PEREIRA.

Que excellente coração !

MARIQUINHAS.

Que vibora ! Depois, quando se despedia, jurava que um dia eu seria sua esposa. Entretanto ha um mez não me apparece, e a vizinhança ri e escarnece de mim.

PEREIRA.

Que injustiça !

MARIQUINHAS.

Hoje, esta senhora, que se dá comigo, veio participar-me que ia casar-se, e o nome do seu noivo combina perfeitamente com o do meu consolador. Não sei como não morri de vergonha ; porém, antes quiz vingar-me (*chorando*) do perfido.

PEREIRA.

Perdão. minha senhora, V. Ex. tem em parte razão. Viuva, moça, e além de tudo bella, deixou levar-se pelo sentimento que sempre inspira-nos a pessoa, que tenta consolar-nos de uma perda, que soffremos. Nesse ponto V. Ex. não fez mais que seguir a regra geral ; é, porém, culpada por

não ter logo comprehendido que era o chá e não o amor; o estomago e não o coração que levava Lopes á casa de V. Ex.

MARIQUINHAS.

Não o comprehendo.

PEREIRA.

Eu me explico. O Lopes acostumou-se por tal modo a viver em familia, que, obrigado a estar ausente da sua, procura o mais possivel entreter relações em uma casa, onde possa recordar as delicias do lar domestico. Acresce que elle não póde passar sem uma ligeira refeição á noite, e, como aqui só é costume comer duas vezes ao dia, Lopes vai procurar nessas casas, um linitivo ao pessimo costume que o domina.

MARIQUINHAS.

Seria melhor ir a um hotel.

PEREIRA.

Em um hotel, minha senhora, meu bom amigo, sensivel como é, não encontra um sorriso amigo que o alegre, quando aprecia o liquido da sua predilecção. Foi uma lição que V. Ex. tomou. Se casar e se enfiuvar uma segunda vez, esteja sempre prevenida contra quem quizer consola-la entre uma fatia de pão e uma chicara de chá. Chegou a vez de D. Emilia da Encarnação Garcia.

EMILIA.

Confiada no amor de Arthur, eu fazia comigo mesmo projectos para nossa felicidade futura. Esperava-o todos os dias; e gastava o dinheiro que ganhava em comprar doces e cerveja, por-

que elle dizia-me sempre, que gostava de aliar o doce ao amargo.

PEREIRA (*sorrindo*).

N'isso bem reconheço o Lopes.

EMILIA.

Hontem disse-me que podia preparar-me para o nosso casamento....

PEREIRA.

Provavelmente quando esgotava um copo de cerveja....

EMILIA.

Justamente. Corri a participar minha ventura a D. Mariquinhas, e por ella soube que Arthur a enganara. Não quiz convencer-me, e com ella vim procurar esse malvado seductor para desmascara-lo.

PEREIRA.

Apezar de muito moço, eu já tenho alguma experiencia do mundo fallaz em que vivemos. Conheço um pouco os homens, e muito as mulheres ; e o mais que posso fazer em prol de VV. EEx., é offerecer-me para servi-las de Mentor na senda escabrosa da vida. Quanto ao Lopes, é inutil tentar alguma cousa junto d'elle ; o seu coração empedernio-se ao sopro dos amores precoces.

MARIQUINHAS.

Porém o que elle praticou foi uma infamia.

EMILIA.

Comportou-se vilmente.

PEREIRA.

Sou o primeiro a reconhecer que....

## SCENA VII.

OS MESMOS E GUNHA.

CUNHA (*exasperado*).

E' preciso acabar com isto.... (*Deparando com Pereira,*) Ah! estás ahí!.... (*Corre a elle e segura-lhe nas pernas.*) Minhas botinas, ou desloquite as pernas.

PEREIRA.

Endoudeceste, Cunha ?

CUNHA.

Já estou cansado de servir-lhes de ludibrio...  
Dá-me as botinas....

PEREIRA.

Respeita ao menos estas senhoras.

CUNHA.

Qual senhoras!.... Quem não tem dinheiro para comprar sapatos anda descalço. O senhor aproveitou-se do meu somno, para assenhorear-se do que me pertence.

PEREIRA.

Desculpem este pobre moço, minhas senhoras; por causa de uma paixão mal correspondida, perdeu de todo a razão.

CUNHA.

Doudo é elle ! Dá-me as botinas, ou rompo-te o paletó.

EMILIA E MARIQUINHAS.

Que infelicidade !

PEREIRA.

Cunha, volta á razão ; socega, meu amigo. Larga a roupa, que é nova.

CUNHA.

Se queres figurar á minha custa, enganas-te.

MARIQUINHAS.

E' melhor fazer-lhe a vontade.

PEREIRA.

Não vejo outro meio.... Com licença. (*Descalça-se.*) Aqui estão as botinas, meu amigo.

CUNHA.

Estas meias tambem são minhas.

EMILIA.

Está de todo varrido.

PEREIRA.

Applaca-te, Cunha ; tu estás incommodando estas senhoras.

CUNHA.

Não finjas ; não procures convencê-las que estou realmente doudo.... Já não me serve viver neste covil. (*Apontando o retrato.*) Eis o que se vê aqui ! asneiras... Não sei, o que está fazendo ali aquelle borrão....

PEREIRA.

Alto ! não consinto, que insultes o retrato do immortal Platão.

CUNHA.

Sim, o tal homem do communismo, que vocês pretendem pôr em pratica comigo ; eu não podendo fazer o mesmo, porque vocês nada possuem.... Vou arrumar o meu bahú. (*Sahe.*)

MARIQUINHAS.

Pobre moço ! Ha muito que está neste estado ?

PEREIRA.

Ha um anno, minha senhora.... Elle foi nosso companheiro, e ainda o conservamos por compaixão.

EMILIA.

E a familia ?

PEREIRA.

Ignora tudo.... (*Batem fóra.*) Quem será?.... (*Chegando á porta e espreitando.*) Meu tio! Escondão-se, minhas senhoras.

EMILIA.

Porque ?

PEREIRA.

Porque as suas presenças aqui perdem-me irremediavelmente. E' um roceiro muito austero ; se as encontrar, manda dizer a meu pai, e suspendem-me a mesada.

MARIQUINHAS.

Onde havemos de occultar-nos ?



PEREIRA.

Entrem para este quarto e fechem-se por dentro.

EMILIA.

E a minha reputação? Não entro....

PEREIRA.

E a minha mesada que lá vai pela agua abaixo.... Pelo amor de Deus, minha senhora.... (*Mariquinhas e Emilia entram para o quarto. Batem de novo.*) Quem é?.... Já lá vou. (*Abre a porta.*)

## SCENA VIII.

PEREIRA E CANUTO.

PEREIRA (*abraçando Canuto*).

Meu tio ! como alegre-me vê-lo.

CANUTO.

O mesmo me acontece, menino... Estás bom, não é assim?

PEREIRA.

Perfeitamente bom... Quando chegou, meu querido tio?

CANUTO.

Hontem á noiie; vim vêr tambem a côrte... O compadre Malaquias estava todos os dias a atormentar-me, para vir vêr o mundo, e eu resolvi partir.

PENEIRA.

Tem gostado?

CANUTO.

Não; muito barulho; muita gente, e depois tudo muito caro. Volto para a fazenda depois d'amanhã... Tu moras aqui, não?

PEREIRA.

Sim, senhor: a rua é muito silenciosa, e bôa para quem, como eu, quer estudar.

CANUTO.

Moras só?

PEREIRA.

Móro com tres companheiros, dos quaes o senhor hade gostar muito. São bons moços; bem comportados, serios e estudiosos.

CANUTO.

Isso é que se quer; nada de andar com pintalegretes, que te desencaminhem. Vem mostrar-me tua casa.

PEREIRA.

Não vale a pena, meu tio... O senhor já foi ao..

CANUTO.

Não importa, eu quero vêr tudo para contar á tua mãe. De quem é este quarto? (*aponta o quarto onde estão Mariquinhas e Emilia*).

PEREIRA.

E' do Lopes... Não lhe fallarão no...

CANUTO.

Quero ver como está arranjado o quarto desse teu companheiro, e por ahí fazer idéa dos seus habitos.

PEREIRA.

Eu lhe mostro, meu tio; porém, o senhor vai ficar muito incommodado.

CANUTO.

Porque razão?

PEREIRA.

Porque o meu collega trouxe da Academia dous corações, para estudar, e elles já não exhalão muito bom cheiro.

CANUTO.

Estou mesmo, como que sentindo um cheiro de defunto. . . De que são os corações? De mulher ou de homem?

PEREIRA.

De mulher, meu tio.

CANUTO.

E ha alguma differença?

PEREIRA.

O da mulher é muito mais elastico.

## SCENA IX.

OS MESMOS, LOPES E NOGUEIRA.

NOGUEIRA.

Eis a corôa para o grande homem! (*vendo Canuto*) Ah!

PEREIRA.

Tenho o prazer de apresentar-lhes meu tio . . .  
Meus collegas, os Srs. Nogueira e Lopes.

LOPES.

Ah, este senhor é o teu virtuoso tio! Quanto folgo em apertar a mão de um homem de bem.

CANUTO.

Sinto igual prazer, Sr. academico.

NOGUEIRA.

(*Fazendo muitos cumprimentos.*) Acredite, que eu admirava-o antes de conhecê-lo; agora venero-o. Todos os dias, Pereira fazia-nos elogios á magnanimidade de V. S.

LOPES.

E parecia ter razões fortissimas para isso.

NOGUEIRA.

A proposito; vou dar á V. S. mais uma occasião de pôr em pratica a sua generosidade.

CANUTO.

Como?

NOGUEIRA.

Esta subscripção para a liberdade de uma infeliz escrava, espera o nome de V. S.

LOPES.

Duvidar, seria uma injuria.

CANUTO.

E' que . . . não sei . . .

NOGUEIRA.

Póde assignar a quantia que quizer.

CANUTO.

Como é para uma liberdade, vá lá. Não quero que digão, que não contribui para ella com as minhas fracas forças.

NOGUEIRA.

Homem generoso, teu nome passará á posteridade! (*Apresenta a penna a Canuto.*)

CANUTO (*assigna, dobra a subscrição e entrega-a a Nogueira.*)

Aqui está.... Agora hão de me dar licença.

NOGUEIRA.

Retira-se já?

CANUTO.

Tenho que fazer. Amanhã vaes visitar-me, não?

PEREIRA.

Vou passar o dia com o senhor.

CANUTO.

Adeus, meus amiguinhos; até a vista.

LOPES.

A honra de o ter conhecido, é sem limites.

NOGUEIRA.

Sentimentos iguaes me fervem n'alma.

PEREIRA

Adeus, meu tio. (*Canuto sahe.*)

## SCENA X.

OS MESMOS, MARIQUINHAS E EMILIA.

MARIQUINHAS (*correndo para Lopes*).

Chegou a hora das explicações.

EMILIA.

O Sr. vai dizer-me, porque illudio-me sem piedade.

NOGUEIRA.

Bravo! Viva a alegria! Temos entre nós representantes do sexo amavel. Eu vos saúdo, jovens dignas de todo o elogio e respeito.

LOPES.

Fação o favor de dizer-me, o que querem comigo?

EMILIA.

Ainda pergunta?

MARIQUINHAS.

Talvez diga, que me não conhece.

LOPES.

Não digo semelhante cousa; porém não sei o que as traz aqui.

NOGUEIRA.

Comprehendo tudo. Passo a explicar-me.

EMILIA.

O Sr. não tem que intrrometer-se, com o que não lhe diz respeito.

MARIQUINHAS.

Este infiel não póde escapar á minha furia.

PEREIRA.

Modere-se, por quem é, minha senhora ; não se deite a perder.

NOGUEIRA.

Silencio ! eu vou fallar : Encantadoras filhas dos amores ; usava-se na culta Grecia, patria de Phrynea e Aspasia ; na soberba Roma, berço immortal de Sabina Popeia....

LOPES.

Nogueira, corre um véo sobre o passado, e trata deste triste presente. (*Choroso.*) Lamenta, meu fiel amigo e collega, a minha desgraça. Conta a difficil circumstancia em que me collocão estas duas senhoras, ou, se mais te apraz, defende-me.

EMILIA.

São lagrimas fingidas.

MARIQUINHAS.

Quando o senhor ia á minha casa tomar chá, não chorava.

LOPES.

Restringia-me a desfolhar sobre a memoria do teu virtuoso marido as saudades brotadas em minha intelligencia.

EMILIA.

Traidor !

MARIQUINHAS.

Infame !

NOGUEIRA (*declamando*).

(\*) « Quem pronunciou essa palavra, que encerra e condensa em si tudo que ha de inexprimivel no desprezo, que tocou seus ultimos limites? Palavra que faz da lingua, que a pronuncia a lamina de um alfange; que brilha, cahe e mata. Epitheto prodigalisado por Juvenal a Messalina; por Tacito a Agrippina; por S. João a Herodiada. Pedra fatal poupada por Christo á mulher adúltera, e cujo ultimo resalto só póde parar em um tumulto.... » Digão que — sonhei, ou, pedirei aos Céos que abra-se a terra, e em uma fenda desapareça eu, que ouvi-a pronunciar por uma bella mulher....

PEREIRA.

Acalma-te, Nogueira; esta senhora, delicada como é, não podia proferir tão repugnante expressão.

LOPES.

Ouviste mal, meu digno amigo.

NOGUEIRA.

Bem dizia que era presa de um sonho atroz... VV. EEx. já virão o retrato do grande Platão? E' este. Aqui está esse homem que.... Ah! ainda não vi quanto assignou teu tio.... (*Lendo*.) Dez tostões....

LOPES E PEREIRA.

Dez tostões!!!....

---

(\*) Ch. Hugo — *Bohême Dorée*.



NOGUEIRA.

*Verba volant, scripta manent....* Aqui está a realidade... Pereira, teu tio, aquelle velho immoral e estúpido, é o maior pinga que vê a luz do sol.

LOPES.

Sobrinho do maior casca do universo, eu te saúdo !

PEREIRA.

Vocês teem toda a razão....

NOGUEIRA.

A posteridade, quando tratar da liberdade, anathematisará o nome desse homem indigno.

EMILIA.

Então o senhor não me diz cousa alguma ?

LOPES.

Quantas vezes queres que te diga, que amo-te muito, que idolatro-te ?

EMILIA.

Não creio mais nos seus protestos.

LOPES.

Que injustiça !

MARIQUINHAS.

E a mim ?

LOPES.

Tambem amo-te, Mariquinhas ; tambem o meu coração arde por ti, como archote em mão de moleque.

EMILIA.

E o nosso casamento?

NOGUEIRA.

Palavra que arrastra comsigo um sopro gelido como o da morte. Grilhão social; pesadello do celibatario; terror da mocidade pandega... Emiliazinha, se queres que eu te tenha na fileira das mulheres espirituosas, não pronuncies mais esse vocabulo anthipathico e repugnante.

LOPES.

Por certo.

MARIQUINHAS.

O senhor indubitavelmente ha de concordar com as theorias do seu collega.

PEREIRA.

Minha senhora, Platão, o grande homem que veneramos, não admittia na sua republica o casamento.

MARIQUINHAS.

Que tenho eu com esse senhor?

NOGUEIRA.

Pois, Mariquita, tu ignoras que estás no gremio de uma republica platonica? Eu you conciliar tudo. Porém vocês hão de prometter-me, que seguirão á risca os meus conselhos.

EMILIA.

Desde já previno-lhe, que não.

MARIQUINHAS.

E eu tambem.

LOPES.

Vocês são inconscientes.

NOGUEIRA.

Um momento de attenção, minhas senhoras. Vou proferir um juizo salomonico. Nogueira em hebraico, quer dizer Salomão, e, como tal, julgo-me habilitado a imitar o meu omonymo.

EMILIA.

Vamos ver.

NOGUEIRA.

O Lopes é um excellente moço, e, mesmo de alguma instrucção; prometteu casamento a ambas vocês, e prometteu um impossivel. Partir o bom do moço pelo meio, e dar uma partê a cada uma, é de todo irrealizavel. Se elle possuísse o don da ubiquidade, seria uma felicidade; infelizmente, porém, está incluído na regra geral.

PEREIRA E LOPES.

Infelizmente.

NOGUEIRA.

Estribado pois nas razões que com toda a lucidez da minha intelligencia, eu acabo de apresentar ao fino e delicado espirito de VV. EEx., concluo brilhantemente, que o casamento não póde ter lugar.

MARIQUINHAS.

E o que me resta ?

EMILIA.

Fico á margem ?

NOGUEIRA.

Fazer o meu panegyrico, é desnecessario; vocês já me conhecem. Pois bem, por enquanto estou disponivel, e se alguma quizer....

PEREIRA.

• Nada, eu tenho uma ideia melhor.

LOPES.

Primeira vez que tal te acontece.

PEREIRA.

Nós somos tres, vocês duas....

NOGUEIRA.

Logica de ferro.

PEREIRA.

Oução ! Para não descontentar alguém, todos tres frequentaremos as suas casas.

NOGUEIRA.

Aperta esta mão, orador.

LOPES.

Abraça-me, poeta.

EMILIA.

Com uma condição.

PEREIRA.

Qual é?

EMILIA.

Comprar os doces quando tiverem vontade de tomar cerveja.

MARIQUINHAS.

O mesmo deverá acontecer com o chá.

NOGUEIRA.

Vocês são duas finissimas perolas do Oriente.

LOPES.

Vou pedir á filha de D. Margarida, o obsequio de esboçar os retratos de vocês, para figurarem ao lado do de Platão.

## SCENA XI.

OS MESMOS E CUNHA.

CUNHA (*arrastando o baú*).

Estou prompto.

NOGUEIRA.

Para que?

LOPES.

Vaes viajar?

CUNHA.

Estou satisfeito de communismos, meus senhores; acho melhor, cada um ser senhor dos seus objectos.

PEREIRA.

Zangou-se porque calcei as suas botinas.

CUNHA.

E aonde está o meu relógio?

PEREIRA.

Emprestei-o esta manhã ao Nogueira.

NOGUEIRA.

Mudemos de assumpto. Vocês já lerão um bello artigo....

CUNHA.

O artigo de que eu trato agora, é do meu relógio. Tenha a bondade de dar-m'o.

LOPES.

Deixa-te de asneiras. Porém, o tal artigo está perfeitamente escripto.

CUNHA.

Primeiro, meu relógio.

NOGUEIRA.

Para fallar-te francamente esse precioso objecto quebrou-se, cahindo-me do bolso; e, eu mandei concerta-lo.... Reconheço perfeitamente aquelle estylo; não póde deixar de ser do....

CUNHA.

Onde mandou concerta-lo?

NOGUEIRA.

Não me deixas fallar! E' incivilidade interromper quem falla. Mandei concertar, onde se está limpando o meu.

CUNHA.

Como se chama o relojoeiro?

NOGUEIRA.

Monte.... Aqui está o bilhete; quando quizeres, vai busca-lo.

CUNHA (*exasperado*).

Uma cautella do Monte do Socorro!.... Empenhou meu relógio!....

NOGUEIRA.

Empenhei, não; tu não sabes dar valor aos termos. Teu relógio está depositado, fazendo companhia ao meu; erão tão amigos!

CUNHA.

Isso é uma ladroeira! . . .

LOPES.

Ladroeira, não; chama-se communismo.

PEREIRA.

Assim dizia o venerando original daquelle retrato.

CUNHA (*arrancando o retrato e rasgando-o*).

Eis o caso que eu faço, do autor das theorias que os senhores professão.

NOGUEIRA.

Que fizeste, desgraçado!

LOPES.

Insultaste as cinzas de um heróe!

CUNHA.

Logo mandarei buscar o meu bahú, do qual, pelas duvidas, levo a chave.

PEREIRA.

Estás convidado por despedida a jantar conosco em Botafogo.

NOGUEIRA.

Ha dinheiro fresco.

• CUNHA (*sahindo*).

Muito agradecido, senhores communistas do que pertence aos outros. (*Sahe.*)

LOPES.

Adeus, espada sem cópos.

NOGUEIRA.

Saude, espingarda sem gatilho.

PEREIRA.

Boa viagem, Grego degenerado.

EMILIA.

Coitado do moço!

MARIQUINHAS.

Elle tem razão; vocês abusarão da sua confiança.

PEREIRA.

Eu já não lhe disse, que esse moço é doido.

MARIQUINHAS (*sorrindo*).

E' verdade; julguei que ouvia um homem de juizo.

NOGUEIRA.

Agora, para commemorar a consolidação das bases da nossa republica, vamos jantar fóra da cidade.



EMILIA.

E eu que gosto de apreciar a natureza....

LOPES.

Eu conheço o teu fraco.

PEREIRA.

Partámos.

## SCENA XII.

OS MESMOS E O CAIXEIRO.

CAIXEIRO.

Perdão se os interrompo.

LOPES.

Estimo vê-lo bom. Como vai a familia ?

PEREIRA.

O senhor pertence á grande confraria das jaquetas?

NOGUEIRA (*triste*).

Meu caro amigo, o senhor participou ao seu respeitavel patrão a infausta morte do meu amigo Nogueira?

CAIXEIRO.

E pelos signaes que dei-lhe, elle disse-me, que eu havia fallado com o proprio Nogueira.

LOPES.

Que homem sem coração !

PEREIRA.

Que alma mesquinha!

NOGUEIRA.

Pois bem, sou eu o Nogueira; o que quer  
você com elle?

CAIXEIRO.

O pagamento desta conta.

NOGUEIRA.

Ah! queres dinheiro, misero mancebo! Pois  
ouve. (*Sobe em uma cadeira.*) Lá vai discurso:  
Excelso vinagreiro, anthropophago social, ini-  
migo do descanso do proximo, eu te saudo!

CAIXEIRO.

Não quero palavras, e sim moeda.

NOGUEIRA.

Queres moeda? (*Desce.*) Rapaziada, chega ao  
côro.... Meninas, vocês finjão que cantão....  
Ouve como nós recebemos os credores canalho-  
cratas.

NOGUEIRA, PEREIRA E LOPES (*cantando*).

(*Musica—Baile de Mascaras, Côro  
das gargalhadas*).

Olhem que bobo, que quadrumano,  
Pede dinheiro a quem não tem.  
Ventas de mono, cavalgadura,  
Volta p'ra baia sem um vintém.

(*Rindo.*) Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

(*Bis.*)

CAIXEIRO (*sahindo*).

Participarei isso ao patrão.

NOGUEIRA, PEREIRA E LOPES (*correndo,  
e agarrando o caixeiro*).

Espere, espere, meu amigo.

CAIXEIRO (*exasperado*).

Deixem-me, senhores....

NOGUEIRA.

Dize-me uma cousa: Se em lugar de ires para o insipido balcão, nos acompanhasses a Botafogo, não passarias melhor o dia?

CAIXEIRO.

Não sei se....

PEREIRA E LOPES.

Emancipa-te; torna-te independente....

NOGUEIRA.

Consente, que se alie um dia as pombas ao abutre....

CAIXEIRO.

Aceito.

PEREIRA, LOPES MARIQUINHAS E EMILIA.

Vamos.

NOGUEIRA.

Antes, porém, devemos implorar os applausos dos que ouvirão sorrindo — O COMMUNISMO.

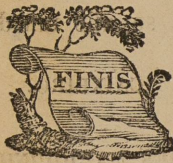
TODOS (*cantando*).

(*Musica* — Les Canotiers de la Seine).

Ebrios de prazeres,  
E filhos d'alegria;  
Somos de vida curta  
Soldados da orgia.

E quando grita a pandega;  
Alerta respondemos:  
La hi hup! La hi hup! La hi hup!  
Bebamos e cantemos.  
La, la, la, la, la, la;  
La, la, la, la, la, la. (*Cancan.*)

CAHE O PANNO.





57